

## Civismo e militarismo da infância: uma abordagem baseada no jornal *O Rebate* (Pelotas/RS, 1914-1915)

3

Maria Augusta Martiarena de Olivera\*  
Giana Lange do Amaral\*\*

**Resumo:** A educação e as comemorações cívicas foram temas bastante discutidos em âmbito nacional. Tais temas não deixaram de fazer parte das páginas do jornal *O Rebate* que fazia oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). O presente trabalho dedica-se à análise das notícias sobre festas cívicas e educação cívica, publicadas no referido jornal, em 1914 e 1915, primeiros anos de funcionamento desse órgão de imprensa. Embora tal periódico constasse como “órgão independente”, a filiação partidária de seu editor norteou as críticas e os temas tratados nas páginas dessa publicação. Além disso, foram utilizados os Relatórios Intendenciais de 1914 e 1915, para que fosse realizada uma comparação entre os discursos antagônicos presentes na vida política de Pelotas, tendo em vista que o então intendente, Cypriano Corrêa Barcellos, estava vinculado ao PRR. Para a realização deste trabalho, fez uma revisão bibliográfica do tema *educação cívica no Brasil*, além de buscar subsídios para a análise de impressos.

**Palavras-chave:** Civismo. Comemorações cívicas. Militarização da infância.

*Civic virtue and childhood militarization: an approach based on the periodic O Rebate*

**Abstract:** The education and the civic celebrations were much discussed topics nationwide. Such themes have left to be part of the newspaper *O Rebate* that opposed the Republican Riograndense Party (PRR). This work is dedicated to the analysis of stories about civic education and civic events, published in the Journal, between 1914 and 1915, the first years of this organ of the press functioning. Although this newspaper introduce itself as “independent organ”, the party affiliation of its editor are guided the critical topics addressed in the pages of this publication. Furthermore, we used the Intendentials Reports of 1914 and 1915, that

\* Professora Titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS)/Campus Osório. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). *E-mail:* martiarena.augusta@gmail.com

\*\* Doutora em Educação. Professora no PPGE da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). *E-mail:* giana@ufpel.edu.br

was performed to compare the antagonistic discourses present in the political life of Pelotas, in order that the then mayor, Cypriano Corrêa Barcellos, was linked to the PRR. For this work there was a review of the topic of civic education in Brazil, and seek grants for the analysis of the newspaper.

**Keywords:** Civics. Civic celebrations. Militarization of the childhood.

---

## Introdução

O presente artigo refere-se aos temas *educação e comemorações cívicas*, baseado em matérias do jornal *O Rebate*, publicado na cidade de Pelotas, em 1914 e 1915. Para a execução deste trabalho, utilizou-se como fonte principal o referido jornal, cuja edição era realizada por Frediano Trebbi. Tal fonte foi comparada com os Relatórios Intendenciais de 1914 e 1915, apresentados por Cypriano Corrêa Barcellos, então intendente municipal.

Primeiramente, optou-se por analisar a vinculação partidária e doutrinária do periódico em questão. Depois, o artigo dedicou-se a uma breve contextualização da educação cívica na Primeira República. Por fim, o artigo realiza a análise dos temas *educação e comemorações cívicas* com base em matérias extraídas do referido jornal, comparando-as com as informações provenientes de Relatórios Intendenciais.

## O jornal *O Rebate* e sua vinculação partidária

Os jornais, entendidos como documentos, estão impregnados de ideologias, doutrinas e intencionalidades. Ao analisá-los, faz-se mister considerar o discurso presente em cada publicação. Segundo Chartier (2006), um dos desafios lançados à história cultural, quaisquer que sejam as suas abordagens e objetos, diz respeito à articulação entre práticas e discursos. O colocar em questão as antigas certezas tomou a forma do *linguistic turn*, que se baseia em duas ideias essenciais: a linguagem é um sistema de signos cujas relações produzem, a partir delas próprias, significações múltiplas e instáveis, fora de qualquer intenção ou de qualquer controle subjetivo; a “realidade” não é uma referência objetiva, exterior ao discurso, mas é sempre construída *na e pela* linguagem. A

perspectiva proposta por Chartier considera que os interesses sociais nunca são uma realidade preexistente, mas sempre o resultado de uma construção simbólica e linguística, e considera que toda prática, qualquer que ela seja, está situada na ordem do discurso.

Nas edições abordadas neste texto, o jornal *O Rebate* coloca-se como um órgão independente. Entre os comentários de jornais contemporâneos, encontram-se informações que se mostram algumas vezes concordantes, outras vezes, antagônicas. O *Correio Mercantil*, conforme publicação do próprio jornal *O Rebate*, afirma: “Nem amigos, nem inimigos. A verdade por princípio e a justiça por fim” (O REBATE, 11 ago. 1914), que sugere o mesmo contido na afirmação publicada no dito jornal, baseada em matéria de opinião pública: “*O Rebate* promete defender os interesses geraes de Pelotas, sem preocupações políticas.” (O REBATE, 11 ago. 1914).

No entanto, o jornal *Do Momento*, de Rio Grande, conforme publicação de *O Rebate*, afirma, de forma bastante veemente: “Viva a vitima do Ideal – sonhado por Gaspar Martins e que vae realizando pelos que não se vendem por um prato de lentilhas!” (O REBATE, 11 ago. 1914). Embora dentre os vários que escreveram sobre o surgimento de *O Rebate*, apenas um tenha apontado uma vinculação ideológica forte, deve-se ter em conta o papel que o editor Frediano Trebbi desempenhava dentro de seu antigo jornal, *A Reacção*, um jornal abertamente federalista, publicado na cidade de Rio Grande. É possível que os editores *Do Momento* conhecessem de forma mais aprofundada o trabalho e a vinculação doutrinária do editor de *O Rebate*.

Pode-se dizer que as páginas dos seus primeiros meses de publicação, embora tentando demonstrar a sua independência a ideais políticos e partidários, tal periódico permite vislumbrar a sua forte vinculação doutrinária, seja pela exaltação do líder Gaspar Silveira Martins, seja pela intensa crítica aos governos estadual e municipal.

O então intendente filiado ao PRR, Cypriano Corrêa Barcellos, foi alvo de críticas entusiasmadas de Trebbi, especialmente com relação à urbanização de Pelotas e à instalação dos esgotos. Reclamações eram publicadas diariamente. Tampouco Júlio de Castilhos deixou de ser objeto de crítica do editor que o caracterizou como “homem que agitou o Estado durante longo tempo, ensanguentando-o e dominando-o”. (O REBATE, 27 out. 1914).

Após se abordar a vinculação partidária do referido jornal a que se dedica o presente texto, serão tratados os temas *educação cívica* e *festas comemorativas* de datas pátrias.

### A educação cívica na Primeira República

De acordo com Souza (2000), nas últimas décadas do século XIX, a educação popular foi considerada o elemento de regeneração da Nação, um instrumento para a reforma social, e a propulsora do progresso e da civilização. Para Bencostta (2005), no discurso daqueles que implantaram, no Brasil, o novo regime político em 1889, era preciso, além da justificação racional do poder, a fim de legitimar a República, construir uma nação pautada em valores que demonstrassem estar em definitivo sintonizados com as mudanças que o mundo *moderno* apresentava.

De acordo com Stephanou (2005), nas primeiras décadas do século XX, muito crédito era atribuído à educação no concurso que ela prestava à obra de saneamento do meio e do homem. Estava difundido o pensamento de que diversos males eram causados pela ausência de “instrução racional e educação esmaltada” do povo. Ainda assim, a solução não se tratava de uma educação qualquer, mas de uma educação “completa”. Somente uma educação “integral” e fundada nos conhecimentos científicos poderia dar conta de obra tão grandiosa que lhe estava reservada.

Essas novas finalidades atribuídas à escola primária, de acordo com Souza (2000), vieram a alterar profundamente o projeto político-cultural do início da República, isto é, a formação do cidadão republicano alicerçada na ciência e nos valores morais e cívicos, as principais mudanças recaíram sobre o acréscimo ou a supressão de determinados conteúdos, sobre o detalhamento das instruções metodológicas e sobre a forma de organização dos conteúdos das matérias. As práticas de conteúdo cívico-militar, conforme a autora, transformaram-se, também, nesse período, mantendo, não obstante, a ideologia patriótica e de construção da nacionalidade. De acordo com Nunes (1993), sentiu-se a necessidade, nesse período em que a identidade nacional encontrava-se em formação, de definir quem “nós” éramos e, por conseguinte, quem eram os *outros*.

## A educação e as comemorações cívicas na cidade de Pelotas do ponto de vista do jornal *O Rebate*

A educação cívica já era tema bastante discutido na imprensa e fora mencionado por Cypriano Corrêa Barcellos, então intendente municipal, em seu Relatório de 1914: “A instrução cívica continuou a ser feita com especial cuidado, commemorando-se todas as datas nacionaes, fácil meio de despertar na juventude conhecimentos de historia pátria e estimular por nobres exemplos, os deveres a cada cidadão inherentes”. (RELATÓRIO INTENDENCIAL, 1914).

Embora tal tema já estivesse presente em relatórios anteriores, como no Relatório Intendencial de 1913, optou-se pela afirmação constante no Relatório de 1914, por se tratar do ano em que iniciou a publicação do jornal *O Rebate*. Além disso, a citação acima mostra o cuidado prestado pelas instituições públicas com o civismo, objeto de crítica do referido jornal.

O primeiro artigo mencionando a educação cívica e as comemorações pátrias data de 3 de setembro de 1914, em seção intitulada “Pela Instrução”:

O governo do Estado fez distribuir pelos nossos Collegios Elementares Exemplares do hymno de Bento Gonçalves e da Canção Marcial de Zeferino Brasil. O hymno de Bento Gonçalves é a exaltação do movimento separatista de 1835, é uma revivescencia dos sentimentos de hostilidade dos rio-grandenses de outrora contra o Imperio do Brasil, cuja unidade se quis quebrar para fazer do Rio Grande uma republiqueta, á feição das de Nicaragua, Honduras, Costa Rica e outras que pullulam na America. A Canção Marcial é um cântico de guerra, é um appello aos sentimentos das crianças para o culto a essa cousa odiosa, que é a guerra, a esse monstro de mil formas, destruidor de cidades, de bens, de vidas, tão bem pintado pelo padre Antonio Vieira. É esse o ensino cívico que o governo do Rio Grande faz ministrar nas escolas publicas! Não pode ser mais infeliz a orientação dos nossos governantes em assumpto tão delicado, procurando reaccender nas almas infantis as paixões despertadas por essa inglória lucta de 35, desgraçada expressão do caudilhismo que nos dominava, e despertando-lhes o culto pelo militarismo, esse canero que corrôe as forças vivas da humanidade, verdadeira syphilis da civilização! Quanto estamos atrasados, sr. Redactor, o que falta temos de um estadista á frente dos destinos do Rio Grande, entregue á incapacidade de seu chronico presidente! (O REBATE, 3 set. 1914).

As críticas inicialmente destinam-se ao governo estadual. Deve-se ter em conta que na década de 10 (séc. XX), a educação primária ainda estava em fase inicial de expansão, iniciada pelo governo estadual. A maior parte das aulas estava concentrada em mãos de professores da iniciativa privada, sendo várias delas subvencionadas pelo município e pelo estado. Nessa mesma década, foram fundados dois colégios elementares: Cassiano do Nascimento e Félix da Cunha. A criação de tais escolas iniciou uma fase de difusão do ensino público primário, que foi acompanhada pelo governo municipal na década de 20 do mesmo século, nos governos de Pedro Luis Osório e de Augusto Simões Lopes.

Além disso, o intenso discurso promoveu uma crítica ao PRR, reabrindo feridas oriundas do Império, quando o Partido Federalista, ao se aliar ao governo imperial, para conseguir vantagens para o Rio Grande do Sul, perdeu partidários para os republicanos que passaram a ansiar pela República.

Um outro aspecto bastante interessante de ser analisado é a relação proposta entre educação cívica e guerra, que foi retomada em outros artigos de *O Rebate*. Em 1914 o mundo passava pela Primeira Grande Guerra, que estava intensamente presente nas páginas dos jornais locais. Relacionar, nesse momento, educação cívica e guerra seria uma forma de apelar para o medo decorrente das notícias acerca daquela guerra.

No Relatório Intendencial de 1915, de Cypriano Corrêa Barcellos, um trecho do subtítulo dedicado à Instrução Pública parece contrapor-se ao que foi afirmado pelo jornal *O Rebate*:

Em tão honrosa quão utilíssima missão esforços múltiplos se revelam e prosseguem em desdobramento benéfico, tornando verdadeiros templos os nossos modestos collegios, onde, a par de esmerado cultivo intellectual, se aperfeiçoa o amor da Pátria, sem exaggeros nativistas, mas com elevação de vistas, digna de acatamento. (RELATÓRIO INTENDENCIAL, 1915).

O parágrafo acima, além de exaltar as instituições de ensino primário públicas, afirma o seu papel central na irradiação do amor à Pátria, ressaltando a imparcialidade regional, ou seja, “sem exaggeros nativistas”. Barcellos propõe que o ensino cívico nas instituições de ensino em Pelotas não esteja impregnado do regionalismo e do revanchismo propostos pelo jornal *O Rebate*. O intendente continua:

Não pode, na verdade, o ensino cívico ficar desprezado, em abandono em nossas aulas, que vão, felizmente, tendo para dirigil-as e inspiral-as profissionais hábeis e cidadãos devotados á causa pública. Tornam-se merecedores, portanto, de francos encômios os srs. preceptores que solemnizam, com entusiasmo, os grandes dias de nossa História, até a pouco quase em completo olvido passando, e incutem em seus jovens alumnos o respeito e a admiração que lhes devem merecer os paladinos indefessos de nossos ideaes. (RELATÓRIO INTENDENCIAL, 1915).

Como pode ser percebido, Barcellos exalta a realização do ensino cívico nas instituições de ensino primário, em Pelotas. Enquanto isso, o jornal *O Rebate*, no mesmo mês de publicação daquela matéria no jornal anteriormente citado, foi veiculada outra matéria criticando o ensino cívico e o abandono das datas cívicas nacionais. Em artigo intitulado “A data”, afirmou-se: “Passou hontem, friamente, a data da nossa independência política.” (O REBATE, 8 set. 1914). E continua:

A educação cívica, o sentimento pátrio é ainda uma utopia no Brasil. Se assim não fora, a data da nossa serviria de estímulo bemdicto para o resgate das publicas liberdades conculcadas pela mão de ferro do despotismo e atravez de um estado de sitio chronico, aviltante e revoltante. (O REBATE, 8 set. 1914).

Percebe-se, no trecho acima, que *O Rebate* não se opunha à educação cívica, mas à forma como a educação cívica era realizada no Brasil e, notadamente, no Rio Grande do Sul. Tal tema encontrou grande espaço na imprensa nacional, tendo o famoso poeta Olavo Bilac empreendido campanha nacionalista a favor da língua vernácula, da literatura nacional e da obrigatoriedade militar.

Retomando-se as matérias do referido periódico, no dia 25 de setembro de 1914, na seção “Salpicos”, o referido meio impresso abordou, uma vez mais, as datas cívicas:

O Collegio Elementar Felix da Cunha, como o feriado de 20 de Setembro cahisse num domingo, transfeiriu-o para o dia anterior, para não perder o dia de folga... Foi bem arranjado, foi. Em S. Paulo está prohibido a commemoração de datas nacionaes fora dos dias próprios. O 7 de Setembro, o 15 de Novembro, são commemorados fatalmente

nessas datas. Nós estamos mais adiantados que o prospero Estado até nisso, isto é, na vadiação dos professores. (O REBATE, 25 set. 1914).

Na citação acima, dois pontos merecem destaque: primeiro, a relação entre o feriado e a folga, cuja intencionalidade quer demonstrar o pouco interesse no objetivo principal do feriado que seria a importância da data regional; segundo, a comparação entre o Estado do Rio Grande do Sul e o Estado de São Paulo, que já vinha sendo considerado o estado mais desenvolvido econômica e educacionalmente no País. Deve-se ter em conta, ainda, que o *Collegio Elementar Félix da Cunha* era, como já foi mencionado anteriormente, uma instituição de ensino público estadual, e que as críticas dirigidas não visavam propriamente à instituição, mas ao governo estadual.

No entanto, a partir de novembro de 1914, as críticas dirigidas aos colégios elementares Cassiano do Nascimento e Félix da Cunha deixaram de se fazer presentes, embora a educação cívica não tenha deixado de ser tema abordado constantemente. Coloca-se, então, a questão: O que teria causado o fim das matérias entusiastas alvejando os colégios elementares? No dia 12 de novembro de 1914, foi publicada a seguinte matéria:

#### Collegio Cassiano do Nascimento

Esteve, hontem, em nossa redacção uma commissão do collegio elementar Cassiano do Nascimento e composta das gentis senhorinhas Olga Lagos, Minervina Vieira e Itala Penzi, que nos veio convidar para assistirmos á festa patriótica que se realizará no dia 15 de novembro p. f., ás 13 horas da tarde.

Gratos pela deferência. (O REBATE, 12 nov. 1914).

E no dia seguinte:

#### Gentil convite

Uma graciosa commissão composta das senhoritas Zeza Fernandes, Arlinda Nunes Vieira e Lucy Ferreira, veio convidar-nos para a patriótica festa que o collegio elementar Félix da Cunha realizará, depois de amanhã, em commemoração ao anniversario da proclamação da República.

Agradecemos a deferência a que correspondemos com o máximo prazer. (O REBATE, 13 nov. 1914).



Não se pode afirmar que tal visita tenha sortido um efeito tão devastador no editor do jornal *O Rebate*, mas é necessário constatar que, após essa visita, as críticas contundentes aos colégios elementares passaram a ser dirigidas às escolas municipais. Além disso, em matéria do dia 16 de novembro de 1914, as festas comemorativas de ambos os colégios elementares foram descritas de maneira bastante elogiosa, como pode ser percebido no seguinte trecho: “Realisaram-se hontem, com bastante brilhantismo, as projectadas festas em commemoração ao 25.º anniversario da proclamação da República.” (O REBATE, 16 nov. 1914). Com relação à diretora do Félix da Cunha e suas assistentes, afirma: “À exma. Sra. D. Maria Delphina Caminha e dignas auxiliares enviamos parabéns pelo bom êxito da festa de hontem e agradecemos as deferências dispensadas ao nosso representante.” (O REBATE, 16 nov. 1914).

Sobre as comemorações do Cassiano do Nascimento, afirmou: “Essa interessante commemoração correu muito animada, achando-se o theatro litteralmente cheio de exmas. Famílias, convidados, representantes e pessoas de destaque social.” (O REBATE, 16 nov. 1914).

Em 14 de novembro, iniciam-se as críticas apontadas para as escolas municipais:

Exibir-se-á pelas ruas da cidade, ás 10 horas da manhã, o “batalhão” da 6.ª aula municipal regida pelo auxiliar José Francisco Duarte. O batalhão será commandado pelo alumno Darcy Fernandes Portella. Emfrente ao Theatro “7 de Abril”, os pequenos soldados farão diversas evoluções. O batalhão será acompanhado pela Cruz Vermelha, com a respectiva ambulância. Não concordamos, em absoluto, ao character dessa passeata infantil. É uma orgia militaresca que não se conaduna com o espírito, a índole e os fins que visa a mocidade daquella e de outras escolas. Para que essa prematura e desarrazoada exhibição de ridícula força, por parte de crianças votadas aos estudos e não aos campos de batalha? (O REBATE, 14 nov. 1914).

Ao analisar o parágrafo acima, deve-se levar em conta a palavra *batalhão*, que, colocada propositalmente entre aspas, e a utilização da expressão “pequenos soldados”, que, considerando-se a intenção do artigo, pode ser percebida como uma expressão irônica, bem como a expressão “orgia militaresca”. A relação da educação cívica ministrada nas escolas com a militarização foi novamente citada no seguinte trecho, extraído de artigo intitulado “Assumptos Locaes”:

A instrução publica obedece quasi ao mesmo diapasão, limitando-se a meras sinecuras as poucas aulas que o município mantém. Além disso, não se tem cogitado de dar a necessária feição a esse importante ramo de serviço a que se tem querido, até, transformar em fonte de militarismo precoce!... (O REBATE, 24 nov. 1914).

O número resumido de aulas mantido pelo município e a insuficiência na aplicação da instrução municipal foram os temas que substituíram as entusiasmadas matérias sobre as comemorações cívicas, encontradas no segundo semestre de 1914. Esse tema, porém, não é objeto deste artigo. Logo, retomando a educação cívica e a militarização, relação proposta pelo jornal *O Rebate*, pode-se dizer que tal relação não foi privilégio apenas de Pelotas e muito menos das escolas municipais. Souza (2000) propõe que a renovação dos programas do ensino primário, defendida por vários autores durante o século XIX, também encontrou respaldo na figura de Rui Barbosa, em seu célebre “Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública”, datado de 1882.

Tais acontecimentos, conforme a autora, constituíram-se na origem do desenvolvimento da educação militar. Em relação à Educação Física, afirma que o republicano Rui Barbosa construiu seus argumentos com base no princípio da educação integral – educação física, intelectual e moral –, apelando para a indissociabilidade entre corpo e espírito e a necessidade de o processo educativo seguir as mesmas leis da natureza. Para Souza (2000, p. 107), “nas representações de Rui sobre os benefícios da Ginástica na educação popular, emergem as funções morais, cívicas, disciplinadoras e higiênicas que foram atribuídas a esse ensino no século XIX”.

A autora afirma, ainda, que a prática dos exercícios militares gerou a formação de batalhões infantis. Logo, a palavra *batalhões*, tão intencionalmente grifada pelo *O Rebate* ganha novos sentidos: está relacionada aos batalhões infantis que a autora menciona; ao mesmo tempo, a sua relação com a militarização e o período de guerra permite uma utilização pejorativa do termo. Os batalhões escolares tiveram sua origem na França, após a guerra franco-prussiana (1870), projetados por Jules Ferry para a escola primária. Tal experiência internacionalizada foi adotada no Brasil e no Rio Grande do Sul.

A referida autora afirma que os batalhões, simulacros de corporações militares, recebiam treinamento fora do horário regulamentar das aulas e utilizavam um aparato condizente com o ritual cívico a que se prestavam: além do fardamento, espingardas de madeira, cinturões, baionetas, tambores e cornetas, cada batalhão possuía um estandarte e recebia o nome de um herói nacional ou de um personagem político eminente. De acordo com Souza (2000, p. 108), “à semelhança das organizações militares, os batalhões infantis, reunindo pequenos soldados, simbolizavam uma das finalidades primordiais da escola pública: a celebração cívica”. A autora afirma, ainda, que, ao desfilar pelas ruas da cidade, manifestavam todo o sentido simbólico da escola no meio social. A escola chegava às ruas crivada de simbolismos e significados.

Um ano depois, o militarismo ainda era colocado em questão no jornal *O Rebate*. Em matéria de 28 de dezembro de 1915, foi transcrito trecho de artigo do *Jornal do Recife*. Segue uma parte do artigo:

A festa da bandeira é eminentemente educativa e isto é o bastante para que batamos com o mesmo malho na mesma bigorna, insistindo para que se faça a educação da mocidade, a educação physica, moral e intellectual, sem que acceitemos como único meio de salvação a caserna, como pretendem certos apóstolos, que surgiram lá das bandas do Sul. Tal dispautério não merece os nossos applausos, pois o problema da educação da mocidade é complexo e deve começar no recesso do lar, onde o character se forma deante dos bons exemplos recebidos. A nova doutrina dominou muitas consciências, porque a alma brasileira se deixa levar pelos arroubos dos oradores e poetas e jamais está disposta a meditar nas licções dadas pelos pensadores, que estudam amorosamente, longe das agitações populares, os problemas sociológicos. (O REBATE, 28 dez. 1915).

E continua:

O civismo não é o resultado da educação militar e não é somente com as armas na mão, que se pode bem servir à Patria. O civismo tem os seus primórdios no “home”, afirma-se nas escolas e completa-se na vida publica, qualquer que seja a profissão escolhida na lucta pela vida. (O REBATE, 28 dez. 1915).

Percebe-se que a linha editorial colocou-se contra a militarização da infância mencionada por Souza. Tal atividade relacionada ao ideário republicano, provavelmente, iria de encontro aos ideais federalistas defendidos por Trebbi. No entanto, trata-se de uma suposição, cuja resposta requereria um estudo aprofundado da educação cívica proposta pelo Partido Federalista. Porém, se pode afirmar que o jornal pernambucano que publicou tal artigo, bem como o jornal *O Rebate*, opunham-se às campanhas nacionalistas de Olavo Bilac, que viajou pelo País nesse mesmo período. O texto termina com interessantes comparações históricas:

A mocidade educada na legislação guerreira de Lycurgo não era mais patriota do que a juventude atheniense, que em massa, comparecia á “Agora” para ouvir a palavra de seus eméritos oradores. O feito das Thêrmopylas, onde se immortalisou Leonidas, não é mais brilhante do que a batalha de Salamina que encheu de glórias Themistocles. No Brasil mesmo a bravura dos “Voluntarios da Patria” não foi excedida pelas dos soldados do nosso glorioso exercito. Agora mesmo o patriotismo da militarizada Allemanha não é superior ao da França ou da Inglaterra, como está attestando a formidável conflagração européa. (O REBATE, 28 dez. 1915).

Ao colocar em oposição grupos belicosos com outros que aparentemente não possuíam caráter militarizante, a matéria procurou demonstrar a não necessidade de militarização do ensino cívico. Para isso, utilizou-se, também, do exemplo da Alemanha, que, pelo menos, nesse periódico, fora tão discutida em suas páginas, durante a Primeira Guerra Mundial.

### **Considerações finais**

O jornal *O Rebate* foi considerado um periódico bastante polêmico durante o período pesquisado. Em uma cidade cujos governos estavam vinculados ao PRR, Trebbi optou por fundar um periódico de filiação federalista, embora tenha aderido à alcunha de “orgam independente”. Como pode ser percebido, a sua filiação doutrinária fica clara em citações de Gaspar Silveira Martins e em suas críticas ferrenhas aos governos estadual e municipal.

Com relação à educação e às comemorações cívicas, deve-se dizer que as críticas mais frutíferas ocorreram durante o segundo semestre de

1914, concomitantemente aos primeiros meses de funcionamento do periódico. Nesse período, a maior parte das críticas apontava para os colégios elementares Félix da Cunha e Cassiano do Nascimento, ambas escolas estaduais. Após esse primeiro e intenso momento, as críticas voltaram-se à instrução pública municipal.

No entanto, o civismo e temas relacionados com a militarização e o ensino da língua pátria seguiram presentes nas páginas de *O Rebate*. A militarização do ensino também foi uma questão abordada com bastante intensidade. Além desse tema, a incapacidade do governo municipal de difundir escolas de ensino primário teria sido a causa do desconhecimento da língua pátria pelas populações de origem estrangeira. Deve-se ter em conta que muitas das discussões promovidas pelo referido periódico encontraram resposta no jornal *Diário Popular*, órgão oficial do PRR, ou vice-versa.

Percebe-se, então, que o jornal *O Rebate* mantinha uma vinculação doutrinária bastante estreita com o Partido Federalista, e que a sua visão sobre educação cívica e seus objetos de crítica estava permeada pela filiação.

## Referências

---

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 95-40.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

CHARTIER, Roger. A “Nova” história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-43.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses diários na República Velha. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abr. 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). *História da educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NUNES, Clarice. *A escola redescobre a cidade: reinterpretação da modernidade pedagógica no espaço urbano carioca –1910-1935*. Niterói: Esse; UFF, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: um estudo sobre a implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. *Cadernos Cedes*, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000.

STEPHANOV, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *História e memórias da educação no Brasil: século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. III.

**Recebido em 1º de abril de 2010 e aprovado em 7 de junho de 2010**